



O Anjo de Estuque

L'Ange de Stuc

O Anjo de Estuque

L'Ange de Stuc

poesia e fotografia

Jean Baudrillard

*Tradução de
Cristina Abruzzini Werneck Lacerda
e Adalgisa Campos da Silva*



Editora Sulina

© Jean Baudrillard, 2004

Direção de Arte: Vitor Hugo Turuga

Capa e Projeto Gráfico: FOSFOROGRÁFICO Design Editorial / Vitor Hugo Turuga

Editoração: Clotilde Sbardelotto

Fotos: Jean Baudrillard

Editor: Luis Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

B342a Baudrillard, Jean
O Anjo de Estuque / Jean Baudrillard; tradução de Cristina Abruzzini
Werneck Lacerda e Adalgisa Campos da Silva. – Porto Alegre: Sulina, 2004.
78 p.

ISBN: 85-205-0390-X

1. Literatura francesa. 2. Poesia francesa.
3. Fotografias. I. Título

CDD: 840
841
CDU: 77



Editora Sulina

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Meridional Ltda.

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 - Cep: 90035-190 Porto Alegre - RS Tel: (51) 3311 4082 - Fax: (51) 3264 4194

sulina@editorasulina.com.br - www.editorasulina.com.br

Outubro / 2004

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

*“E viram um anjo de estuque
cujas extremidades se encontravam
num espelho curvo.”*

Apocalipse barroco, Séc. XVI
(*Epígrafe apócrifa*)



*“Et ils virent un ange de stuc
dont les extrémités se rejoignaient
dans un miroir courbe.”*

Apocalypse baroque, XVI Siècle
(*Épigraphe apocryphe*)

Este livro, O Anjo de Estuque é o único livro de poesia de Jean Baudrillard. O filósofo enviou-me este livro em 1997 sem nenhuma expectativa de vê-lo traduzido no Brasil.

Um grande privilégio tê-lo traduzido, missão que procurei dividir com Adalgisa Campos da Silva. Não só pela amizade antiga que nos une mas para que com a excelência de seu rigor não me deixasse esquecer de uma lógica sintática; lógica essa que facilmente nos desdobramentos de imagens em microfotografia poderia ameaçar a tradução. Mesmo assim a tentação de multiplicar sentidos foi fortíssima neste trabalho. Pois como diz o vulgo, a tradução é sempre traidora e quanto mais rica em metáforas desenvolvidas, mais difícil se torna a precisão do transporte. É um estilo poético que, longe de ser um simulacro, é genuinamente similar à obra filosófica e literária de Jean Baudrillard. Inaudita, original e impressionista.

Se entre nós nosso poeta João Cabral de Melo Neto fala de sua poesia nordestina como “poesia da pedra”, poderíamos aventar na poesia de Baudrillard um paroxismo conciso, mineral, exato mas com o calor de um lirismo sutil mas sempre transbordante. Uma poesia inovadora, atemporal, como a boa poesia. Tão fácil aparentemente, escrever-se poesia. Raríssima, no entanto, obra poética como esta. Onde os cinco sentidos conversam e filosofam sem concessão ao fácil ou ao obscuro. Asas brilhantes de Jean Baudrillard.

Cristina Abruzzini Werneck Lacerda





I

*Se fora de cena cai
dizendo
a vertical
de amigos dessemelhantes e que
foram escolhidos o gavião
adormecido que voava
concentricamente
próximo a uma ordem
no cume do Sol
à mercê do Sol
e à espreita, sem olhos,*

*da consciência,
sobre esta fogueira persa,
as Taillades – ou
se à indocilidade
se deve renunciar,
é que desditos, desunidos, e
sem poder nos separar –
um chegado a tempo
ao estado segundo, o outro
mantendo um limite
singular –
o equilíbrio já não está em nós
como para quem o quer,*

*é que a sede voltou
a questionar a paciência.
Ora, o que não mais queremos
não há de mudar
e nos deixará sozinhos
obsedando-nos.*



*Si hors scène tombe
disant
celle verticale
d'amis dissemblables et qui
ont été choisis la buse
dormante qui volait
concentriquement
en vue d'un ordre
à la cime du Soleil
à la merci du Soleil
et à l'affut, sans yeux,
de la conscience,
sur ce bûcher perse,*

*les Taillades – ou
si l'indocilité doit
être renoncée,
c'est que déjugés, désunis, et
ne pouvant nous séparer –
l'un arrivé à l'heure
à l'état second, l'autre
ayant maintenu une limite
singulière –
l'équilibre n'est plus en nous
comme pour qui le veut,
c'est que la soif a remis
en question la patience.*

*Or ce dont nous ne voulons plus
ne changera plus
et nous rendra seuls
en nous obsédant.*



II

*Lá do alto
a gralha
se destrói e
volta a ser o que era.
Mas a fome dos outros, esta,
mudou tudo.
Nos campos de estrume
o inverno nos precedeu.
Está sob ruas inarticuladas
o fogo real, ou
a revolta,*

*do Norte ao Sul.
Até um olho d'água
amargo de frio
na relva
tudo é abscesso de
fixação de signos
e de linhas quebradas
mas longe da vista e
amargo de calor
ou nos precedendo
ou após reunir-se
a quem nos assombra
e representa.*



*De très haut
l'orfraie
se détruit elle-même et
redevient ce qu'elle était.
Mais la faim des autres, elle,
a tout changé.
Dans les champs de fumier
l'hiver nous a précédés.
C'est sous les rues inarticulées
le feu réel, ou
la révolte,
du Nord au Sud.
Jusqu'à un point d'eau*

*amer de froid
dans les herbes
tout est abcès de
fixation de signes
et de lignes brisées
mais hors de vue et
amer de chaleur
ou nous précédant
ou ayant rejoint
celui qui nous hante
et nous représente.*